



Caça aos ninhos

(Cliché de M. A.)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redação, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400.

Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador
acresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Ornamentos da Casa Estrella

Officinas d'Escultura e Talha Religiosa, em madeira, marfim e massa

Fundada em 1874



Pecam

e nosso

catalogo

illustrado

com 143

gravuras,

que se

enviam

gratis.



— PORTO —

Rua do Bomjardim,

— 85 a 89 —

Rua de Santo Antonio

— 59 a 63 —



**Aos ossos
trabalhos
foram
concedi do
os mais
altos pre-
mios nas
Exposi-
ções In-
dustriales
Portugue-
zas de 1887
e 1897.**



-- GUARDA --
Representante depositario
CASA SUCENA
Rua Heliodoro Salgado



Specimen d'uma escultura em madeira executada nas nossas officinas

Deposito de imagens, oratorios, castiças, jarras, ramos, custodias, relicarios, calice pexides, galhetas, caixas para hostias, campainhas, carilhões de campainhas, turibulos e navetas, cruces processionaes, cirios, lanternas, estantes para missaes, livros de missa, lampadas, lustres e todos os mais aprestes do Culto Divino.

**A CASA ESTRELLA e a fornecedora das principaes casas con-
generes no estrangeiro, e a que mais Igrejas fornece no Conti-
nente, Ilhas, Brazil etc . . .**

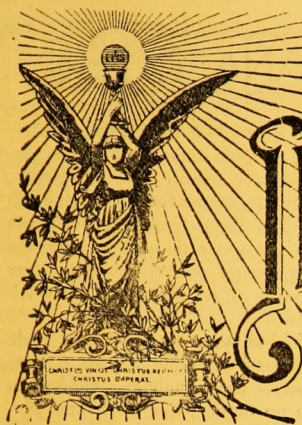


ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

—○○—

Proprietario, Joaquim A. Peretra Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Veloso

EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 8 de abril de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 145—Anno III



General Henrique Philippe Petain, commandante da heroica
praça franceza de Verdun



Quarta página...

PARA que, como é de todo o ponto conveniente, se mantenha o sigillo sobre as medidas necessarias para a defeza da patria, foi publicado o decreto da censura previa a todas as publicações. E tendo assim, e recordando todo o systema vexatorio das apprehensões de gazêtas feitas pelos galfarros de authenticos cabos de esquadra, não duvidamos acceitar os prejuizos da acção dos muito dignos successores do juiz Veiga *ominoso*, que por signal muita falla fez no 28 de janeiro a João Franco. Não deixaremos de anotar, porém, que a imprensa madrilena está dando quasi diariamente informações que na de Lisboa, Porto e Braga estão prohibidas de publicar-se. Assim, *El Debate* ullimo, á data d'esta chronica já sabe o numero de espingardas e canhões desembarcados recentemente em nossos portos, a sua longinqua procedencia, a composição das unidades a partir para Africa, segundo uns, para Salonica e para França, segundo outros que defendem a presença de portuguezes na proxima offensiva dos aliados, marcada para esta primavera—sangue e flores!—e que, pelo visto, vae ser de tal impulso que não fica allemão para amostra além do Rheno, incluindo o *Kaiser* e seu filho.

Em Portugal nos ullimos dias vae-se seguindo com muita attenção a batalha de Verdun. Os jornaes noticiosos pejam suas columnas de telegrammas favoraveis aos aliados, e uma parte das classes illustradas, ou que presumem sê-lo, vão buscar aos jornaes hespanhoes a dose germanica do noticiario da guerra, sem duvida muito mais interessante do que aquelles—e basta para isso constituirem neste paiz, alliado da Inglaterra, o *fructo prohibido*.

Quanto a mim, isto fica explicado em geral, pela anarchia que domina nos espiritos e que La Bon tambem dissecou no seu ullimo livro, e em particular por esta mania opposicionista de todo o portuguezinho valente que faz com que régia sempre pelos logares prohibidos e que ainda agora está criminosamente dando em terra com todos os esforços para se estabelecer a *união sagrada*, revolvendo o lódo da politica e vertendo nos centros de conversã acres censuras ao sr. D. Manoel e ao sr. Carnegie, aos monarchicos patriotas e aos catholicos que aqui como em toda a parte dão e darão um alto exemplo de civismo aos commodistas, em quepêze a certos oradores da junta que alguns ousaram deturpar-lhe as intenções e os actos. Faço esta constatação exacta. Entre nós trouxe-se a patria para a baralha da politica, arvoraram-na os partidos quando quizeram fazer quaesquer operações de transcendente rábula. E de tanto

se ouvir fallar na patria,—é triste dizê'lo, é!—o publico cansou-se. Nos ullimos comicios partidarios, um cansaço causado pelo desalento, explorado por certos commodistas de lume no olho, era visivel. Por largo tempo, quem mais usou da sagrada palavra e da ideia sagrada da patria foram sem duvida os republicanos que as confundem com a de *republica*. E quêr o leitor vêr o resultado?

Foi ha annos. Fallava-se, n'um grupo onde eu entrara, um possivel conflicto com a Hespanha, cujo governo de Canalejas desadorava o actual regimen portuguez, que ao tempo perseguia os realistas. E a certa altura, como alguem lembrasse o dever de defender o solo patrio, alguem, e por signal um espirito brilhante, accudiu prompto:—*não! isso não faço!* Eu tenho o dever de defender a patria, quando ella é minha mãe; não o tenho, quando a patria é minha madrastra!

Eu recordo ainda o calafrio que senti ao ouvir isto! Foram toda a revelação do nosso mal, aquellas phrases. Era o desabar de um mundo, aquella affirmacão criminosa, occulta sob a róta vestida de um paradoxo.

Mas passaram annos, mas os acontecimentos succederam-se—perseguições, assaltos, vexames, escandalos—e eu vim a saber ha dias que o mal não cessara ainda, antes persiste.

N'uma festa de collegio, o director fez uma allocução patriótica. A sahida, o pai de um alumno commentava:—Hum... vou tirar os pequenos d'esta casa: quando vejo um *typo* a fallar muito em patria, fico logo desconfiado...

O mal persiste, pois, e é n'esta hora de um perigo extremo, porque todos os pretextos lhe servem para se manifestar. O mal persiste. E junte-se-lhe a actual crise de subsistencias—junte-se-lhe o espectáculo d'uma colheita de cereal deficienteissima e a ordem de mobilisação arrancando, para lustre de uma civilisação e de um direito metaphysicos, chefes e chefes de familia aos proprios lares sem pão; e é facil prevêr o que ahi vae de subserção, de anarchia sangrenta e de pavor!

A crise não se cura com manifestos, e não se sana com decretos. E' a grande crise, em que o moral e o material se alliam para a formação de um ambiente propicio ás explosões de coe-laras dynamicas!

É para enristecer, leitor, que sobre isto tudo, aquelles que mantêem intacto a sua dedicacão na acção catholica e na acção patriótica, sejam afinal os sacrificados, n'esta pela massa bruta dos partidos, n'aquella por corrilhos de ambiciosos que fazem da politica e da fé um negro modo de vida, e uma escaleira de triumphos.

F. V.

VIDA INTENSA

POR J. DE FARIA MACHADO.



Toast

CABARAMOS de jantar, o velho Rheno dormia já no fundo verde dos crystaes; o gaz atravez do quebra-luz discreto, projectava sobre a toalha, um mosaico de sombra; fóra, chovia, ventava, n'essa noite inquieta de temporal. Esvasiou-se o ultimo licor, esgotou-se o ultimo assumpto.

Era a hora do fumo, a hora amavel das cigarrilhas leves, dos pensamentos leves, das ironias, das *bontades*... *Xisman*, o meu velho *Xisman*, sumido na sua casaca impeccavel, sorvia a haustos soffregos um *Nestor* perfumado, —a pupila, lusidia, tremente, n'uma rara volupia d'egoista, incidindo, fitando, a espiral doirada do fumo. A conversa esmoreceu, gelou. Tentara-se um pouco de tudo, correrá-se tudo; o ultimo livro, a ultima muther, o ultimo baile e o silencio voltou pesado, impenetravel. De fóra vi, nha-o ~~o~~ monotono, dos carros, o businar dos autos, a musica soturna do vento... Aconchegamo-nos nos *maeplears*; um novo cigarro, uma nova tentativa...

—Então? Então? dissemos nós n'um exforço derradeiro. *Xisman* soergueu-se, passeou o o olhar em volta, encarou-nos e logo n'um boejo.

—Uma historia?!

—Não, não. Você é terrivel, as suas historias são terriveis... Coisas leves; nada que perturbe, nada que entristeça...

—Verão... Verão... Vocês, seus inuteis, se têm uns restos de coração, vão gostar.

—Lembram-se da velha da noite! Era assim que lhe chamavam—creio—Pobre velha! Ninguem sabia d'onde veio, ninguem a encarou afinal... De dia sumia-se mas á noite era certa, á porta do *club*. Escondia-se no vão da porta visinha, sumia-se na sombra, toda enrodilhada nos seus trapos, toda metida nas suas recordações e se o pharol d'um automovel casualmente a focava, a pretexto do frio, cobria a cara com o chaile.

A filha é que vinha pedir. Miuda loira, uns olhos admiraveis, surgia do esconso, correndo para nós, as mãos estendidas, supplicantes, e então, da sombra, a vez ostentorica da velha agradecia

sempre: — Deus lh'o pague! — D'onde viriam

Diziam-a nova ainda—nova?—ella que para todos era a velha da noite — nova e linda, a guem que a eidade reconhecêra, admirára annos antes, ainda no fausto d'uma vida desembaraçada, nos theatros, nos salões...

Outros, asseguravam ser uma pobre costureira que a doença e a viuvez atiraram para a miseria. Só tinha aquella filha. Era o seu recurso, a sua ajuda, o sol d'aquelle lar, a alegria d'aquelles trapos. E tão boa, tão linda, tão meiga, com que terna graça ella sabia pedir—*«ande meu senhor dê... eu reso por si... Ha-de ter sorte, vá!—Uma noite levei-lhe uma boneca e e quando horas depois sahi, veio para mim, alegre, aos saltos.*

—Então e a esmolinha?...—E como eu resistisse, acrescentou gaiata, mostrando a boneca:

—Agora ainda mais precisamos. Somos tres. — Todos lhe davam esmola e para todos tinha uma graça, um carinho, uma nova oração... Tempo passou.

Ha mezes, quando eu sahia do *club*, a esmola já prompta, extranhei que não viesse e seguia já para a esquina, quando o porteiro, me chamou a attenção para um grupo a meio do passeio, dizendo-me a sorrir, n'esse riso alvar dos indifferentes.

—Lá foi a velha... Hoje não resistiu: Tambem o frio corta... Vae para a *morgue*... — Voltei-me, no passeio entre um policia e um cocheiro jazia a pobre mulher, que aquella inverno frigido e cruel, matara momentos antes.

O guarda nocturno focou-a com a lanterna e poudê vêr entre os trapos do chaile a cabeça da mendiga, bamboleante, os olhos vitreos no espasmo derradeiro, a cara coberta de rugas mas deixando luzir ainda uma belleza triste, que a fome, a dôr, a miseria murchara. Ao lado, de joelhos sobre a pedra humida a pequena resava entre lagrimas pela alma da mãe... Não se mechia, não ouvia, os olhos no céu, as mãos no céu, a alma no céu onde esperava ver a mãe e resava, resava, a chorar...

—Afinal, a velha era...

Calou-se. Os nossos olhos humedeceram-se e um frio de dôr trespassou-nos...

—E a pequena? perguntamos a medo?

—Está n'um collegio em Londres.

—Foi a minha primeira acção boa.

—Já não sou inutil afinal e accendeu outro cigarro...

Da vida que passa...

O sentido da expiação e a Patria

POR F. D'ALMEIRIM

UM dia disse Victor Hugo a Drumont: «Eu nunca hei-de acreditar no peccado original. Não posso admitir que os filhos sejam condemnados pelos crimes commetidos por seus paes.»

E Drumont respondeu a Victor Hugo:

—Eu vi no hospital dos Irmãos de S. João de Deus creancinhas roidas pela flora monstrosa de doenças sem nome; tinham crancos phagedénicos e todavia nunca tinham comido no Éden; eram agitadas por um tremor convulsivo e, comtudo, nunca tinham bebido um calix de cónac... V. nega o peccado original em factor, mas é obrigado a soffrê-lo como um theoria».

E' muito eloquente esta allusão. Todos nós temos visto familias expiando lamentavelmente as culpas de seus avós. Hereditariedade! dirão alguns. Mas eu responder-lhes-hei como um pensador francez:—Que grande expiação n'essa hereditariedade!

As nações são como as familias. Paira sobre ellas aquelle supremo e empolgante ensinamento da Escripura: *é o peccado que torna os povos desgraçados.*

Ha e deve haver uma justiça para os povos. Os seus méritos e deméritos, reconhece-os e mostra-os Deus na terra, porque a vida dos povos é mais longa que a dos individuos. Pode ser isto motivo de lamentações para nós, christãos e catholicos, que diariamente assistimos no Santo Sacrificio da Missa á mystica expiação divina que redimiu o mundo? para nós portuguezes, cuja historia está cheia de glorias e das bênçãos do Senhor que sempre que iamos a cair nos deu a Sua mão.

Não, meus amigos... O triumpho de Deus é tirar o bem do mal. A dor é o cadinho das almas, a guerra o cadinho das nacionalidades. E ai d'aquelles que não comprehendem as lições das crises que padecem, porque esses não sabem que o sangue derramado e os folhos das lagrimas veridas hão de ter o premio na redempção das suas patrias libertas.

Diz nol-o a voz mysteriosa da fé que, como seiva subindo ás mais altas folhas dos arbutos, nas horas mais escuras da vida, nos falla a linguagem dos mysterios divinos.

E para que o sacrificio seja mais bello, no soffrer com resignação heroica as provações, ella nos dá ainda para a palavra patria, a mais alta

e commovedora significação. Na doutrina catholica desenha-se em toda a sua belleza theologica a ideia hierarchica das tres patrias que o genio de S. Paulo admiravelmente synthetisou e a que S. Thomaz d'Aquino deu a ultima expressão da philosophia.

E que bellas patrias são essas tres: a terrestre, instituida por Deus como realidade historica para o povo judeu e como figura para nós; a da Egreja, patria actual das nossas almas; a do céu, eterna patria dos eleitos!

Deus quiz assim elevar ao mais subido ponto, no pensamento e no coração do homem, a ideia da patria terrestre. Ella pertence ao plano da Redempção sobrenatural, e para o provar, Deus escolheu para si um povo e deu-lhe uma patria que elle mesmo governou, e amou com tanto amor que para ella inspirou aos seus prophetas os mais sentidos threnos. Fez d'essa patria terrestre o symbolo do seu grande mysterio de amor, da familia de seu Filho, da Egreja; e quando nos quer mostrar o céu, a nossa felicidade infinita, chama-lhe patria — somma de todos os nossos amores e de todos os nossos deveres. «A patria, dizia expressiva e impressivamente o Cardeal Mercier, é na sua acceção completa, o *solo independente* onde se desenvolve a nossa vida social e politica; isto é, onde individuos e familias, estimulados pelos mesmos deveres, no grangio dos mesmos recursos economicos, intellectuaes, moraes e religiosos, aspiram a mutuamente ajudar-se e a conjuntamente defenderem-se contra o invasor».

O patriotismo do crente não é esse patriotismo-sentimento defendido pela philosophia moderna que substitue o ser pela ideia e o dever pelo sentimento Socia e sentimento não passam afinal de termos vagos e equivocos, representando phenomenos subjectivos, ao passo que o ser e o dever são realidades cujo absoluto se nos impõe. A patria não é uma ideia, é uma realidade, é um factio. As nossas relações para com ella não se reduzem a sentimentos. O patriotismo é um dever e é uma virtude.

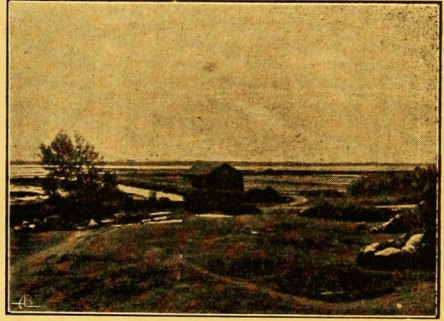
... Por isso nós devemos amar a patria com os olhos postos na terra que pisamos. Por isso devemos rezar por ella, como rezava aquelle que foi o grande paladino da gloria da Espada Portugueza, e morreu pobre carmellita guardando no peito a cota de malha de Condestabre do Reyno...

Bellezas de Portugal

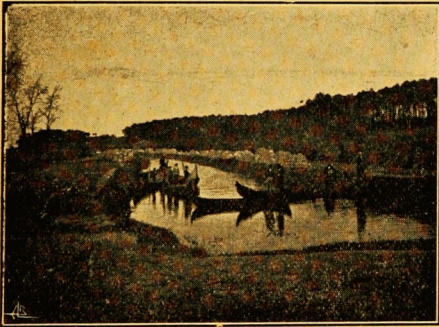
As Marinhas de Aveiro



Aveiro—Marinhas



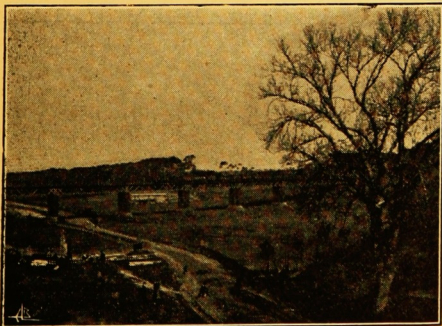
Outro aspecto das Marinhas



Malhada da Esqueira



Olho d'Agua



Esqueira—A ponte do caminho de ferro

Manifestação patriótica em Lisboa

Revestiu uma imponência extraordinária a manifestação realizada em Lisboa no domingo 26.

Era uma hora da tarde e já uma mole de gente se acolovelava frenética no grande espaço da Rotunda da Avenida.

De todos os lados iam alluindo indivíduos empunhando algumas bandeiras das associações que iam representar.

A's duas e meia poz-se em marcha o grandioso cortejo que era aberto por praças da guarda republicana a cavallo.

O aspecto da Avenida, visto do monumento aos restauradores, era imponente.

Os vivas à Inglaterra e às nações alliadas eram ininterruptos.

As bandas de musica tocavam os diversos hymnos das nações nossas amigas em guerra com a Allemanha e juntamente o hymno Nacional.

O povo em allas, nos passeios, acclamava a manifestação com calorosos vivas.

Assim foi seguindo até ao largo do Municipio.

Na varanda da Camara, na janella central levanta-se um

Ilbert N. Rafeiro)



FACTOS



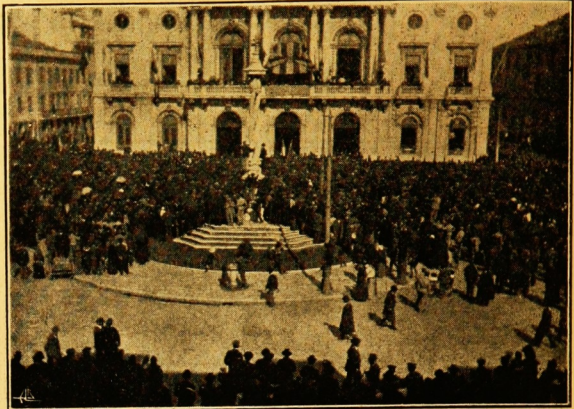
toldos pendendo da saccada de um rico tapeite. Quando alli chegamos já o chefe do Estado recebia aclamações do povo que em massa enorme esperava os manifestantes que se conservavam affastados por um cordão de guardas civicos fardados.

Quando se ouviram ao longe o som dos instrumentos das bandas que acompanhavam a manifestação, aquella massa enorme de gente sem que a policia a possa conter avança até mesmo debaixo das janellas dos Paços do Concelho mal deixando espaço para os manifestantes passarem.

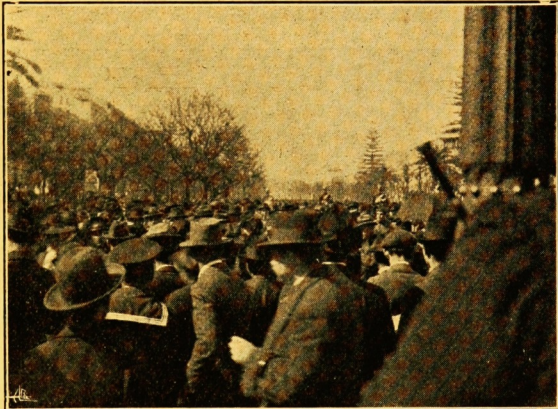
N'este momento os soldados da guarda Republicana, guarda avançada do grande cortejo, surge do lado da Praça do Commercio.

O entusiasmo é indescriptivel. Mas impossivel de se descrever quando surge um grupo que canduz duas bandeiras cruzadas, a Portugueza e a Franceza: aquella conduzida por um marinheiro Francez e esta por um Portuguez.

Na varanda da Camara ao lado do chefe do Estado o presidente do ministerio, da Comissão Executiva da Camara Municipal e muitas outras pessoas de cujos nomes não pudemos tomar nota.



Manifestação patriótica em Lisboa—Os manifestantes em frente aos Paços do Concelho



A manifestação chegando à Praça dos Restauradores

De cima fazem signal para os portadores das bandeiras subirem.

Um marinheiro Francez é levado em triumpho.

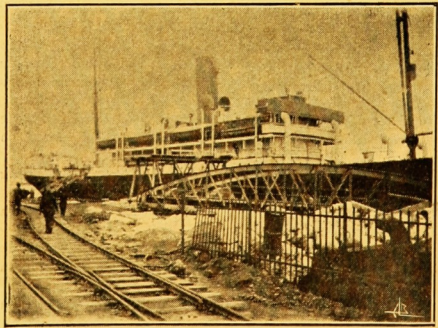
Quando assomam ás janelas os marinheiros com a bandeiras Francezas e Portuguezas toda aquella multidão aclama as nações alliadas n'um frenesi louco de entusiasmo.

Discursa o Dr. Levy Marques da Costa. Falla tambem um outro cavalheiro cujo nome não podemos obter que lê uma mensagem que entrega ao Presidente da Republica que por sua vez a entrega ao presidente do ministerio. Falla depois o grande poeta Guerra Junqueiro. Assoma tambem á varanda o chefe da divisão Naval Leote do Rego.

O entusiasmo continua conservando-se por largo tempo grande povo defronte da Camara.

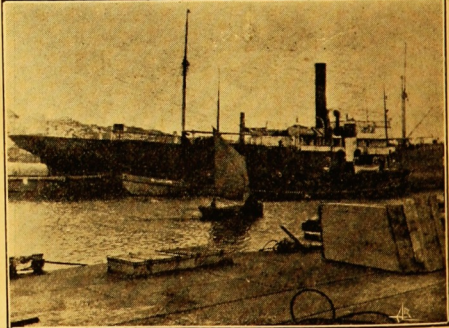
O transito de electricos foi interrompido por largo tempo formando estes uma enorme focha pela rua do Arnal Largo do Corpo Santo etc.

((Phots. de Viriato Silva))



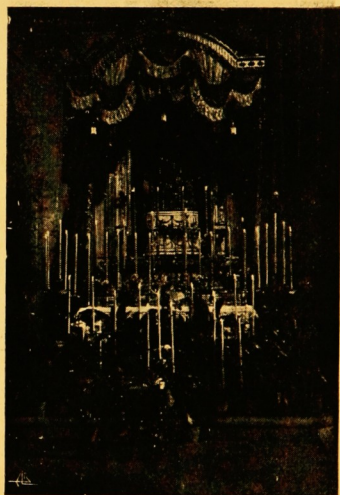
A posse dos navios allemães

O navio allemão «Westwold» hoje «Lima»



O «Milos» hoje «Sines»

rapazes que compõem este Grupo a trabalharem sempre na causa santa da religião e da Patria. Pelas 8 horas da noite realizou-se na séde do Grupo a sessão solemne, onde fallaram distintos oradores da causa catholica, entre os quaes os ex.^{mos} Snrs. Rev.^o Adriano Moreira Martins, Abel Pereira Delgado, F. Teixeira Pombo, Januario Ferreira, e Dr. Alberto Pinheiro Torres. Escuzado é dizermos, que os oradores foram todos muito applaudidos.



Altar da igreja de S. João Novo onde se venera a imagem de S. José, Padroeiro do Grupo de Defeza e Propaganda Catholica do Porto



De esquerda para a direita, 1.^o plano.—Francisco Teixeira Pombo, Arthur Balças, Abilio da Silva Villaça, vice-presidente; rev.^o Manuel Pereira de Sousa, dig.^{mo} assistente ecclesiastico do Grupo; Narcizo Pinto Loureiro, presidente do Grupo; Abel Coelho de Magalhães, Januario Ferreira e Manuel Costa, 2.^o plano. — Cesar A. Oliveira, Abel Pereira Delgado, 1.^o secretario do Grupo; Manuel Coelho Magalhães, 2.^o secretario e João Teixeira Pombo.



Da esquerda para a direita, 1.^o plano.— Manuel da Costa Araujo, Abel Coelho de Magalhães, Narcizo Pinto Loureiro, presidente do Grupo; Abilio da Silva Villaça, vice-presidente, Januario Ferreira e Arthur Balças, 2.^o plano.—João Teixeira Pombo, Abel Pereira Delgado, 1.^o secretario do Grupo; Manuel Coelho de Magalhães, 2.^o secretario; Cesar A. d'Oliveira e Francisco Teixeira Pombo.

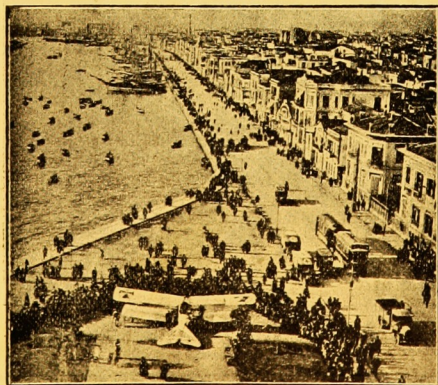
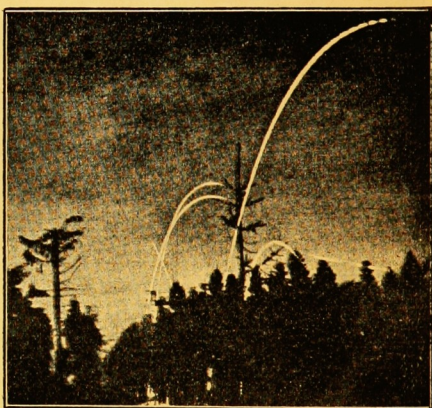
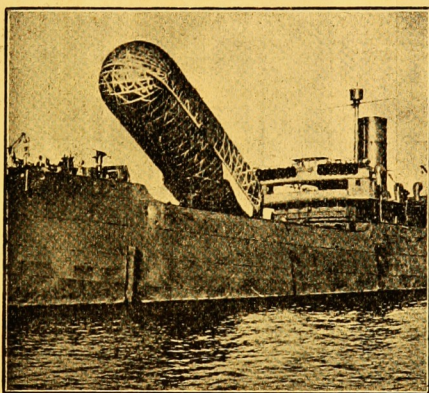
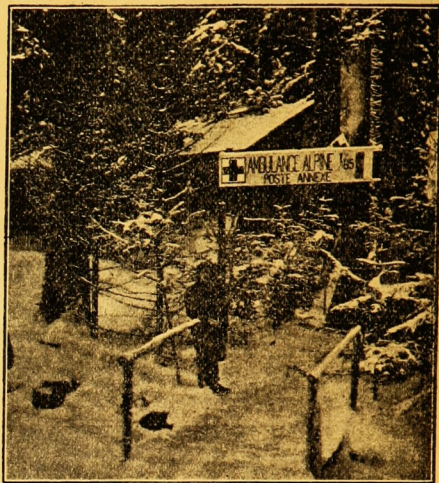
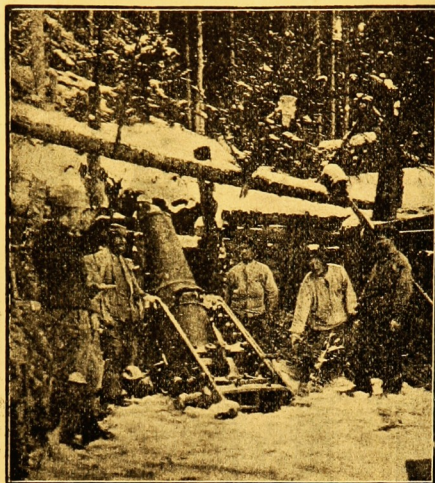
Grupo de Defeza e Propaganda Catholica do Porto

O Grupo de Defeza e Propaganda Catholica do Porto, realisou no dia 19 de Março a festa ao Glorioso Patriarcha S. José seu padroeiro. A festa foi brilhante, foi significativa, foi consoladora na sua singeleza. A's 8 horas da manhã houve missa resada, pratica e communhão geral. A's 10 missa solemne, exposição do SS. Sacramento, e sermão pelo notavel orador sagrado rev.^o Manuel Estevam Ferreira, abbade d'Anta, que proferiu um substancioso sermão. O illustre orador feve palavras de muito apreço para com o nobre Grupo de Defeza e Propaganda Catholica do Porto, exortando os briosos

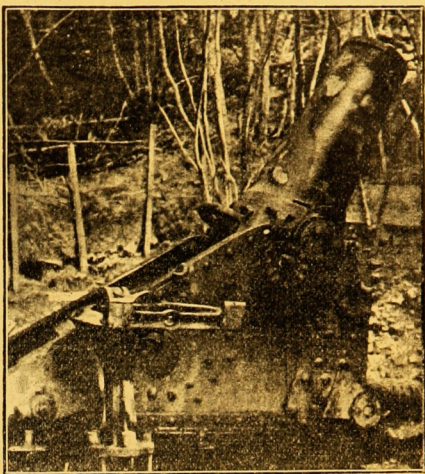


Palco do Centro Democratico Christão, onde se reali.ou a sessão solemne





- 1 — Nos Vosges. O morteiro 220 em acção.
- 2 — Uma estação da ambulancia da cruz vermelha franceza.
- 3 — Um balão captivo descendo para um navio depois de uma arriscada exploração.
- 4 — Para melhor descobrir um ataque nocturno, os exercitoa beligerantes substituem os holophotes por foguetes luminosos.
- 5 — O povo de Salonica apreciando um aeroplano allemão capturado pelos ingleses n'um dos ultimos "raids", sobre aquella cidade.

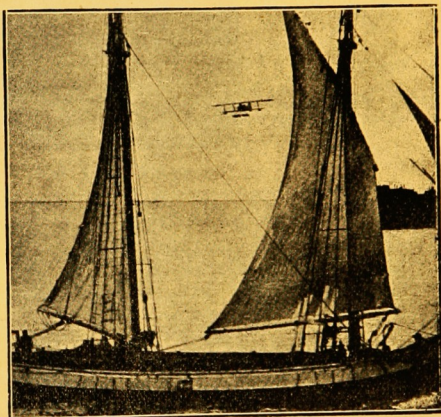


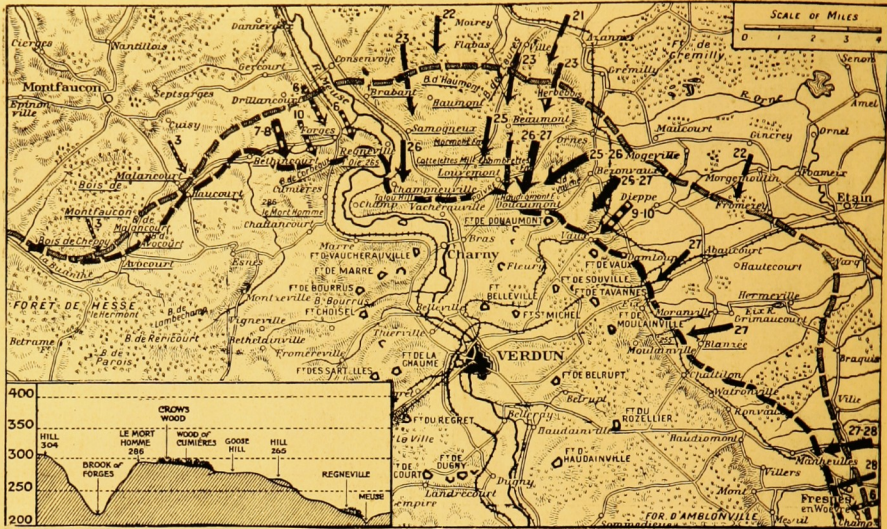
1—O rei Jorge V de Inglaterra acompanhado pela rainha, passando revista a um regimento de reserva da guarda escocesa: Ao lado está «Lord» Kitchner.

2—O terrível morteiro 230 milímetros usado pelos exercitos francezes em campanha. Esta poderosa peça de guerra está colocada n'um bosque.

3—Um aeroplano recolhendo a um porto militar depois de ter feito um dos mais arriscados descobrimentos sobre o inimigo.

4—O disparo do poderoso morteiro austriaco de calibre 35,5 centímetros, que estes usam contra os italianos.





Mapa explicativo da grande e monstruosa batalha de Verdun

No mappa acima o leitor pôde certificar-se da differença que existe entre o primeiro ataque e o ultimo de Março.

As linhas ponteadas indicam as posições que os allemães tomaram em fevereiro

e as negras, as actuaes linhas contra as quaes os allemães continuam atacando. Malancourt já foi tomada pelos allemães

Está ao norte de Verdun.

Os quadros negros são os fortes que circundam aquella praça.

Verdun

E' hoje o objectivo d'um formidavel ataque germanico, a velha praça franceza, cercada de fortes, erichada de canhões, rodeada de valles e trincheiras. Sacrificios inegntes de vidas e de energias tem feito em torno d'esta praça uma e outra das nações belligerantes. Os francezes para defender-lhe a posse; os allemães para toma-la.

Verdun pertence á historia não só por ser sua uma das paginas mais terriavelmente bellas da presente lucto,mas porque o seu nome anda ligado a todas as relações guerreiras e sociaes da França e da Alemanha. Foi em Verdun que se assignou a divisão do imperio carolingio creando o nucleo germanico e o inglez; primeiro allemã, passou em 1748 ao dominio francez pelo tratado de Westphalia. Os prussiamos tomaram-na em 1792. Em 1870 porem não poderam render-la, e agora disputam-na com energia, dando causa a prodigios de bravura, e energia que oxalá os homens empregassem em mais nobre objecto que mutuas hostilidades.

As guerras começam pela ambição dos principes, e findam pela desgraça d s povos.

Não ha guerras algumas justas, senão aquellas, que são inevitaveis



Verdun—Os reforços do General Etain. Um grupo de baterias que estão retidas em reserva naquella praça

No dia dois de Março p. p. realisou-se na igreja de S. Sebastião da Pedreira, o enlace matrimonial do sr. José Ferreira Lima, filho do sr. Antonio Ferreira Lima, socio da firma Lima & Gama da praça de Lisboa e importantes proprietarios e negociantes em S. Thomé, com a Ex.^{ma} Snr.^a D. Palmira Julietta de Carvalho Cortez, filha do sr. Joaquim Manuel Cortez já fallecido e da sr.^a D. Conceição de Jesus Carvalho Cortez.

Foram padrinhos da noiva, a sr.^a D. Beatriz A. dos Santos Cortez e



o sr. Joaquim M. Cortez, residentes em Macau que se fizeram representar pela sr.^a D. Conceição de Jesus C. Cortez, mãe da noiva e o sr. Antonio Joaquim Braz, cunhado do noivo, seu pae o sr. Antonio Ferreira Lima e a sr.^a D. Ludovina Ferreira Lima Braz.

Finda a cerimonia religiosa que foi celebrada pelo rev. prior Manuel Frederico d'Almeida, foi servido um primoroso «lunch» fornecido pela casa Rosa Araujo.

Na corbeille da noiva, viam-se grandiosas prendas.

Solar d'Arnozella

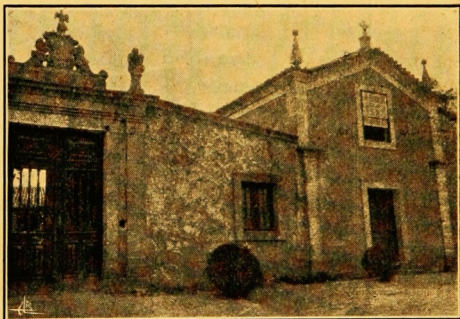
A 15 kilometros da villa de Santo Thyrso, e na freguezia de S. Martinho do Campo, fica o antigo e nobre solar d'Arnozella, da familia Machado Cunha Faria e Almeida.

Vem de remotos tempos a nobreza d'esta familia, podendo, da sua arvore geneologica, apurar-se que houve 50 gerações no seu tronco, anteriormente a 1770.

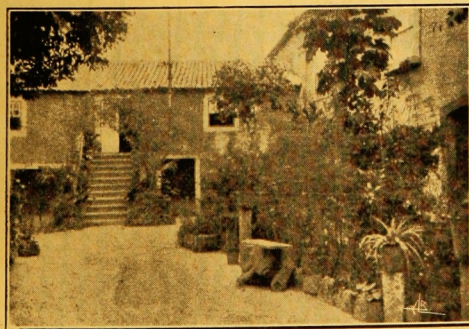
Seria fastidioso enumerar-as e, porisso, diremos, apenas, que os progenitores d'esta illustre familia foram Gão Martins e sua esposa D. Maria d'Almeida.

Da mesma arvore se vê que em tempos remotos—sem que d'ella se possa apurar o anno—foi senhor d'este solar Godinho Pires que foi casado com D. Catharina Fernandes d'Almeida, filha de Adriano Fernandes d'Almeida, 1.^o filho do Conde de Avintes e Marques d'Abrantes.

Ainda mais remoto encontramos o Fidalgo da casa de



Portão de entrada e capella da casa d'Arnozella.



Entrada nobre e frente da casa d'Arnozella

S. M., André d'Almeida; e mais retomo, Paulo d'Almeida casado com D. Helena da Cunha, administradores do vinculo de Villa Meã.

Aparece-nos, ainda, Garcia da Cunha que foi primeiro instituidor do vinculo de N. Sr.^a da Conceição, e Antonio d'Araujo, capitão de cavallos, casado com D. Custodia de Machado, filha de Gonçalo Gonçalves, que foi da casa Paldrães, situada na freguezia de S. Miguel das Aves, hoje no mesmo concelho de S. Thyrso, e que era, tambem, casa nobre.

Em nossos tempos foi senhor do solar d'Arnozella, Joaquim Machado da Cunha Faria e Almeida, que teve de seu matrimonio cinco filhos de nomes José, João, Joaquim, Antonio e Amaro, o ultimo dos quaes falleceu em tenra idade, D'estes só foi casado o José, filho primogenito, e do seu casamento com D. Carolina Rosa de Freilão Lima—ainda viva—teve 5 filhos, a saber:—Augusto, Maria Augusta, Adelino, Joaquim e Elisa. O primeiro falleceu em tenra idade e o terceiro que foi o successor do solar, por ser o 1.^o

filho varão, e que foi tambem seu possuidor, falleceu, ha 3 annos, na idade de 48, deixando do seu casamento com D. Maria Guilhermina Teixeira, senhora nobre, da familia Pinto Coelho Teixeira, cuja ascendencia começa em Egas Moniz Coelho, dois filhos:—José Egydio, successor do vinculo e senhor do solar e Maria Amelia. Ambos são, ainda menores.

Do solar de Paldrães é actual possuidor o Joaquim, filho d'aquelle José, que é casado com D. Rosa Leite de Faria, senhora igualmente nobre e cuja ascendencia vai entroncar no mesmo Egas Moniz Coelho.

A irmã d'estes D. Maria Augusta, casada com Gas-

par d'Abreu Monteiro, existe com descendencia, na quinta d'Arganil, do mesmo concelho e a D. Elisa que casou com João Leite de Faria, irmão de D. Rosa esposa de Joaquim, existe, sem descendencia, na mesma freguezia de S. Martinho do campo.

Muito se interessou, sempre, pelo engrandecimento da sua querida freguezia a illustre familia d'Arnozella, tendo ultimamente cedido gratuitamente, todo o terreno em que está o edificio das escolas da Irmandade e Misericordia e cerca anexa.

Novembro de 1915.

M.

Lua de mel



Ella: — Parece-me que só casaste commigo para teres o meu dinheiro...

Elle: — Não foi tal, foi para pagar as minhas dividas!...

Lenda alemtejana ⁽¹⁾

(POESIA DITA NO C. A. D. C. DE COIMBRA)



Ao Ex.^mo Senhor Bispo eleito de
Portalegre, a terra onde eu nasci.

A Virgem da Conceição
Fez-se ha muito portugueza,
Tem por nós seu coração,
Cheio de graça e pureza.



Entre as serras do alto alemtejo,
Andava a peste ha muito tempo acceza,
A passear n'um lugubre cortejo.

Chorava-se de dôr e de tristeza,
Pelas villas e montes e casaes,
Esse cruel martyrio da pobreza.

Foi nos tempos formosos medievaes,
Erguia o povo a prece condoida
D'enternecer tigres e chacaes.

Vae um dia á capella recolhida,
Em piedosa e profunda romaria,
A rezar junto á Virgem dolorida,

E ella cheia d'amor, d'amparo e guia
Fez refirar a peste assoladora
De todo o campo e toda a moradia.

Não cabe o povo em si n'aquella hora,
D'alegria, d'amor e de gratidão
E vae agradecer junto á Senhora;

Era enorme, era grande a multidão,
Iam mesmo hespanhoes dos arraianos,
N'uma sentida e nobre devoção.



Dormem de noite os bons alemtejanos
E um hespanhol então, ousadamente,
Leva a Senhora envolta em ricos pannos,

N'uma cesta com fitas resplendente,
Toda cheia de flôres e de perfume,
Com receios de mêdo e de prudente.

Circundava-lhe o cesto um santo lume,
Emanando da Virgem, que levava
N'uma altivez d'alguem que se presume,

Mas eis senão que quando atravessava
O rio para a Hespanha, por seu mal,
O cesto já não pesa o que pesava...

Regressara a Senhora a Portugal!



Eis a historia passada em tempos idos,
N'esta terra d'amores occidental:

Os seus dias são bellos e garridos,
N'uma fulgente e santa floração,
Da Virgem somos sempre os escolhidos.

Que ella por nós tem sempre o coração.

Coimbra—5—2—916.

MANUEL LEMOS D'OLIVEIRA.



Páginas d'Arte



A morte de Chopin

POR MANOEL SEMBLANO.

O doente que vamos encontrar em 1849, n'um modesto quarto da Rue de Chaillot, não parece o mêsmo extranho pianista, cuja *virtuosidade* e distincção tinham assombrado Paris. Desde a infortunada estação de inverno nas Ba-leães com George Sand, nu'm meio frio e inhospito, attingido sériamente pelo mal a que devia succumbir, Chopin esmorece no trabalho, abandona as lições, esquece por completo os requintes da *toilette*. e só de longe em longe continúa a apparecer ao publico nos seus admiraveis concêrtoes. A preocupação da morte, que o espreita de muito perto, fechára-lhe os salões da Embaixada austrieca do principe Radzivil, da duquêsa de Vaudemont, *la dernière des Montmorency...*

Sempre caritativo e piedoso ainda colabora num brilhante sarau a favôr dos refugiados polâcos, seus compatriotas. A' custa de mil sacrificios arrasta-se até Londres. Faz-se ouvir em casa de *miss Sartoris* e no palacio de *Lord Falmouth*. Mas no fim de cada um dos recitaeos, em que precisava de fazer um appêlo supremo ás suas ullimas energias, para escondêr a falta de sonoridade da execução, exagerada nos *piano pianissimo*—cae absolutamente exausto, já sem forças que o sustentam, o rôsto desfigurado numa palidez mortal...

Raras vêzes sahia. Não admirava que lèvesse esquecido as suas bellas gravatas, as suas finas bengalas, as suas joias, as primorosas luvras brancas, e até o perfume de violêtas...

A' physica—um mal nunca de vem só—ia ac-

(1) Vide Frederico Laranjo. A Folha, 1869.

crescer a pobreza, se não fora a generosidade da antiga discipula *miss Stirling*.

Mudou-se então o doente para uma casa mais confortável, *Place Vendôme, 12*, onde havia luz, cortinados, tapetes, muitas flores...

Nos meados de setembro já ninguém tinha esperanças de o salvar. Gutmann, o amigo fiel que sempre o acompanhára, mandou chamar Luiza, irmã de Chopin. Accorreu também, pressurósa e solícita, logo que soube da gravidade, a princesa Czartorywska. Redobrando a cada hora de cuidados, revezavam-se dia e noite á cabeceira do enfermo.

As forças iam declinando mais e mais—n'uma dolorosa agonia, que se arrastava lentamente...

Na brancura immaculada dos lençoes mal se destacava como uma sombra diluida, apenas avivada pelos grandes aneis castanhos, a figura baça e franzina de Chopin.

A respiração tornava-se difficil. E contudo o ar macio do outomno renovava-se constantemente pelas janellas abertas...

Mandou trazer o *Pleyel* para o salão, e á condessa *Połocka* recém-chegada de Nice para lhe assistir aos ultimos momentos, pediu-lhe que cantasse. Ella serenou-o; mas abriu o piano para lhe fazer a vontade. Com os olhos razos d'agua e presa d'uma commoção indizivel, cantou divinamente, como *no canto do cysne*, um dos trechos que elle mais adorava—a arrebatadôra e mysteriosa *Beatrice di Teuda* de Bellini.

Ao outro dia mandou chamar um padre, confessou-se e fervorosamente commungou... Despediu-se de todos os assistentes.

E na manhã seguinte, quando velava junto d'elle o fidelissimo Gutmann, ao mesmo tempo seu discipulo, creádo e confidente, Chopin teve um leve calefrio e a sua figurinha de translucido phantasma reanimou-se e estremeceu.

Depois, mais sereno e mais branco, pareceu dormir tranquillamente como uma creança, embaciou-se-lhe a luz dos olhos, os labios cerraram-se de frio, e expirou com as mãos geladas presas ás mãos de Gutmann, balbuciando quasi imperceptivelmente estas palavras: *Meu amigo...*



Padre Antonio Vieira



grande apostolo Padre João Soto Maior pedia do Pará mais companheiros. Foram-lhe logo enviados os padres Matheus Delgado e Manuel de Souza. Ao mesmo tempo, Vieira reservava para a cidade—porque Soto Maior queria para si os sertões—os padres Thomé Ribeiro e Manuel de Lima, os quaes logo partiram, inflamados por um angelico enthusiasmo que ainda hoje commove e edifica.

Mas um incidente hostil veio oppor-se ao embarque dos Padres Matheus Delgado e Manuel de Souza.

Estavam já a bordo, jubilosos de ventura e fé, quando o capitão-mór lhes intimou a sahida immediata do navio. A razão unica—mas dada com grosseiro desabrimento—era não terem os Padres da Companhia licença para embarque.

Vieira, surpreendido e angustiado, escreveu logo ao capitão-mór, confessando ignorar a lei que impunha o impedimento e pedindo que o beneficiasse com uma excepção para se não perder a favoravel maré.

O capitão-mór não se dignou responder, e apenas intimou o Padre Matheus Delgado a comparecer em sua casa.

Vieira, informado da intimação, aconselhou ao intimado que não obedecesse, e foi elle mesmo.

O grande Jesuita tinha justa fé na sua vida, mas prudentissima, eloquencia, e ponderava, entretanto, com serena amargura—da qual, porém, colhia muita força moral—a ingratição torva do soberbo capitão-mór que ao mesmo Padre Matheus Delgado devera em Lisboa a esmola de apresentar varios memoriaes seus a El-Rei.

Não era decerto leigo o Padre Antonio Vieira na boa sciencia das frequentes ingratições que assaltam e pungem os que trabalham com o coração. Também não desconhecia os irritantes golpes de soberba, despedidos por quem, sendo negramente ingrato, se imagina acima de todos e com direito de esquecer as esmoladas da caridade mais pura.

Com taes noções e com o grande espirito que tinha, Vieira levou comsigo uma força de-

veras invencível, força tão bem manejada, que o capitão-mór, atacado com verdade e justiça, foi descendo pouco e pouco do pedestal e acabou por conceder a licença.

Mas, no fim da conferencia, procuraram o capitão dois homens de vulto n'aquella terra e Vieira ouviu-os tropejar contra a libertação dos escravos, ponderando, como barbaridade, um prejuizo tão certo para os proprietarios.

Accudiu logo com triumphantes argumentos o eminente Jesuita e Portuguez, e com tanta efficacia, que os ferrenhos inimigos dos indios alli se converteram logo em amigos muito d'alma de taes infelizes.

O proprio capitão-mór, deveras commovido, acabou por pedir a Vieira que no pulpito pregasse doutrina tão limpida e soberana, succedendo assim que o grande Jesuita alcançou de um golpe duas grandes e clamorosas victorias.

São memoraveis as palavras do capitão-mór:— *Ah! Padre Antonio Vieira, quem esperaria que o principio da nossa pratica havia de vir a ter estes fins? Mas isto mesmo mostra que é cousa de Deus, e Elle a ha de ajudar.*

Foi admiravel o sermão em que, no domingo seguinte, Vieira versou aquelle incidente aproveitando-o como thema das ponderações mais elevadas e profundas.

A conversão do capitão-mór inspirou-lhe não só um verdadeiro estudo de psychologia como um magnifico desenvolvimento das santas doutrinas do Evangelho.

Parlindo do principio de que uma só alma pôde ter mais elevado preço do que todas as Monarchias, conduziu magistralmente o discurso para as responsabilidades de todos nos *injustos captivos de tantas almas de Indios, segundo a phrase do Padre André de Barros.*

Mas, exposto o mal — calamitoso e abominavel — logo, n'um rapto de luminosa eloquencia, apontou, e analysou e definiu, o remedio.

O Padre Barros narra-nos, demorada e nitidamente, como ouviram os fies aquelle modelo puro de oratoria sagrada. Se o eminente Jesuita por vezes pensava demais no auditorio, conforme, exaggeradamente talvez, e n'uma especie de echo, têm asseverado criticos como Camillo Castello Branco, não foi decerto n'aquelle prodigioso sermão que mereceu tal censura.

A palavra de Vieira foi então, como nunca, limpida e profunda, despida dos gongorismos da epoca e mesmo das louçanias allegoricas que

tanto apraziam ao grande pregador. A adhesão plena dos ouvintes, o seu compungido arrependimento de injustiças tão vulgares nas paixões do povo, prova bem que Vieira — e muitas outras vezes assim fulgurou — teve, n'aquelle sermão, especialmente escabroso de assumpto, genuinos relampagos de genio.

E, pelos efeitos de tão bella oração, se avalia infallivelmente o real valor d'ella. O povo agiu logo com ardor e justiça no caminho da boa causa. O capitão-mór, sinceramente afevorado, convocou, no mesmo dia do sermão, uma Junta que reuniu na Igreja Matriz.

Foi uma assembleia luzida. Assistiram, além do capitão-mór, a Camara, o Syndicante, os Prelados das Religiões, o Vigario Geral, os altos funcionarios militares e civis. Muito povo avolumou e animou aquelle congresso.

Abriu a sessão de tarde o capitão-mór, calmo e justiceiro, muito outro do que ha pouco era, e logo rogou ao Padre Antonio Vieira que repetisse alli a exposição da bella doutrina que de manhã pregara no templo.

(Continua)

JOSÉ AGOSTINHO.



A SAUDADE



(A Angelo Jorge)

POR JOSÉ AGOSTINHO.

Não falta quem descante o que é saudade,
Dizendo que não sabe defini-la,
Quando ella, dor cruel, mas dor tranquilla,
Se define com bem simplicidade.

A saudade é uma pura soledade,
Alma em desterro, e que ninguém asyla,
Mendiga que da Angustia é a pupilla,
Mas a quem a Paciencia enfim invade.

E' doce o soffrimento que ella infunde,
Como amarga a delicia d'essa magua,
Por mais que a paciencia reine e abunde?

Que admira, se é um desterro em plena fragua,
Ao pé da multidão que nos confunde
Só de olhar-nos os olhos rasos d'agua?



Anecdotas e historicas

Ditos e pensamentos

AO cabo de habeis manobras, Turenne passou o Rheno acima de Strasburgo e o theatro da guerra foi transferido á Suabia. Agora, Turenne tinha um rude adversario no general Montecuculli. No momento em que Turenne concluia os seus preparativos afim de tornar a posição de Montecuculli, uma bala de artilharia levou um braço ao commandante da artilharia franceza e feriu Turenne numa ilharga. O grande cabo de guerra caiu com a cara sobre o arção, sem soltar um ai. O commandante da artilharia, Saint Hilaire, caíra, banhado em sangue. O filho de Saint-Hilaire agarrou-se lavado em lagrimas ao corpo do pae moribundo, que lhe disse:

—Não é por mim que cumpre chorar, mas por este grande homem!

E o illustre adversario, o general Montecuculli, exclamou ao saber a noticia:

—Morreu um homem que honrava a humanidade.

Os logares e os asnos

A mania dos empregos, fãõ antiga em França, fazia com que, no reinado de Luiz XIV, os numerosos cargos inventados pelo intendente geral encontrassem todos comprador. Dizia Pontchartrain ao rei:

—Todas as vezes que Vossa Magestade cria um logar, cria Deus um asno para o comprar.

Caligula

O velho imperador Tiberio dizia de Caligula, que ia ser seu successor:

—Deixo-o viver, mas ha de ser para desgraca do mundo.

Jã imperador commetteu toda a casta de immoralidades. Tirou a seus maridos varias matronas com quem casou para depois as repudiar e exilar. Cesonia soube captiva-lo. Queria, dizia elle, manda-la torturar afim de saber porque é que elle amava tanto, ou enlão:

—Faça eu um sinal, e esta querida cabeça cahirá.

—Odeiem-me comtanto que me temam.

Tem a monomania da força, e ensaia-se diante dum espelho a tomar ares terriveis.

No meio dum festim desata subitamente a

rir; os consules querem conhecer o pensa em to jovial que alegra o imperador. Elle responde:

—Penso que posso com uma palavra mandal-os estrangular.

E de outra vez:

—Tenho direito sobre tudo e sobre todos.

Queria que nos testamentos se lhe reservasse um quinhão. Condemnava para se apoderar dos bens das victimas. D'uma victima menos rica do que suppunha, disse:

—Esse enganou-me, podia viver.

Mandava matar as suas victimas a pouco e pouco:

Fere de forma que se sintam morrer.

Um dia no theatro os soldados carregaram sobre o publico, d'outra vez faltavam condemnados para as feras, mandou-lhes elle lançar espectadores. De Caligula disse Seneca:

—Este principe que parecia não estar no mundo senão para mostrar o que podem os maiores vícios na posição mais elevada.

Um dia que acabava de perder ao jogo, sahio um instante, tomou nos seus registos alguns nomes ao acaso e voltando disse aos seus companheiros:

—Vós jogaes uns despreziveis drachmas, eu d'uma só cartada acabo de ganhar cento e cincoenta milhões.

Um dia estava sentado no seu throno como Jupiter Olympico, impassivel e grave, como convem a um Deus. Um Gallo, homem do povo, rompe a multidão, aproxima-se e pára com os olhos fixos e como que espantado. Caligula pergunta-lhe como lhe parece?

—Que és uma enorme extravagancia.

Do povo dizia.

—Desejava que tivesse uma só cabeça para ra l'ha decepar d'um golpe.

Formaram-se contra elle tres conspirações, mas só a terceira conseguiu o seu fim. Um tribuno dos pretorianos, Chereas, a quem elle chamara afeminado e covarde, reclamou o direito de dar o primeiro golpe.

Caligula quiz fugir, mas caiu e foi immediatamente atravessado por trinta golpes.

O prazer mais delicado é fazer o bem dos outros. Fazei felizes, e vós o sereis.—*Blanchard.*

A esperanza da impunidade é o maior incentivo da culpa.—*Cicero.*